

A Lógica Colonial e o Corpo Negro na Produção Audiovisual Brasileira¹

Tereza Ventura²

Doutora

Thiago Corrêa Silva³

Graduando

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O texto mostra, a partir de uma interpretação crítica vinculada aos estudos pós-coloniais como a produção audiovisual brasileira foi atravessada pela lógica colonial presente em várias em várias esferas da sociedade. A produção audiovisual brasileira confere ao artista negro um lugar de subalternidade. Neste sentido, acaba por consolidar a continuidade simbólica e cultural de um projeto colonial de poder. Mostra como este projeto acaba por criar modelos usados no cotidiano que servem para homogenizar e naturalizar olhares, pensamentos e práticas.

Palavras-chave: Embranquecimento; Audiovisual; Telenovela; Racismo

Introdução

A atuação de artistas negros (as) em novelas e filmes realizados pela produção audiovisual brasileira pode ser objeto de variadas interpretações a respeito de representatividade. O desempenho de artistas negros no cinema e na televisão no Brasil foi confinado a papéis específicos que inevitavelmente, determinam e delimitam espaço na memória de quem consome.

A abordagem da questão racial, histórica e cultural feita por filmes e telenovelas deixa claro que o apagamento das tradições, costumes ou toda e qualquer contribuição cultural oferecida pelos negros escravizados, durante a colonização, é um projeto que cumpre a demanda econômica imposta pela metrópole.

Dentre as diversas ferramentas de dominação utilizadas pelo colonizador o racismo é a que mais se destaca. A cada momento novas estratégias são criadas com o objetivo da manutenção e do reforço da lógica colonial que consiste em consolidar uma ordem de importância entre as etnias que existem no mundo através de uma escala evolucionista.

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Visual, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutora. Professora do curso de Ciências Sociais do ICS-UERJ, e-mail: terezatons@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 6º semestre do curso de Ciências Sociais da UERJ, e-mail: thiagocorreia.silva@gmail.com

Porque, tal como sublinhava Simone Weil, a colonização começa quase sempre pelo exercício da força na sua forma pura, ou seja, pela conquista. Um povo subjugado pelas armas vê-se subitamente submetido às ordens de estrangeiros de outra cor, de outra língua, de uma cultura totalmente diferente, e seguros de sua própria superioridade.⁴

Inúmeros crimes e atrocidades foram cometidos contra a humanidade em nome da superioridade da raça. O genocídio dos índios no continente americano, a escravização de negros do continente africano e mais adiante a eliminação metódica de ciganos e judeus durante a Segunda Grande Guerra consolidam as brutalidades executadas sob a lógica da limpeza étnica. Ao longo do processo histórico o homem branco matou, pilhou, saqueou, escravizou e dizimou uma série de povos em nome do ideal de ego branco. (SOUZA, 1983)

Parte de uma estrutura que se perpetua através dos séculos as práticas racistas foram usadas em larga escala, especialmente, quando o assunto são os personagens principais vividos por atores negros (as) no cinema e na televisão brasileira. O objetivo desse trabalho é analisar como a lógica colonial se utiliza de ferramentas como o racismo e a hiperssexualização do corpo negro na escolha dos papéis oferecidos.

Gerações de negros e negras morreram com seus “dons verdadeiros abafados dentro de si”, e revendo as atuações brilhantes de Ruth de Souza e Chica Xavier, ouvindo Milton Nascimento e Elza Soares, é possível dar a dimensão ao tamanho da perda humana que esses processos causaram em todo mundo.⁵

A importância do cinema e da televisão, sobretudo as novelas, na formação da sociedade brasileira é incomensurável. Além da, missão de mostrar a cultura de cada região de um país que possui a extensão territorial de um continente. Os filmes e novelas confeccionadas pelo Brasil são exportadas para diversos lugares do mundo, tem a missão de retratar a diversidade de tradições, costumes e hábitos.

O intuito desse trabalho é realizar uma análise pontual em obras de grande repercussão a respeito da participação de atores negros (as) na produção audiovisual. O critério usado para essa seleção foi a atuação como personagem principal no cinema e na televisão. Foram utilizados como base os trabalhos de Kabengele Munanga e Marco

⁴ MBEMBE, Achille. O sair da grande noite. 1ª Edição. Petrópolis: Vozes, 8. Ed. 2019. 90p

⁵ DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. 1ª Edição. São Paulo: Jandaíra, 2021. 69p

Aurélio Luz. Além de, outros intelectuais negros (as) que detalham como a lógica colonial está presente em diversas instâncias da sociedade. A verificação realizada tem por finalidade promover o debate acerca dos impactos causados nos espectadores, a partir da forma e da maneira que estes personagens são retratados.

1 - O Embranquecimento e a Ascensão Social

A pluralidade racial se transformou em problema para a construção da identidade nacional de uma elite que sempre se enxergou como branca. A busca por uma identidade que conseguisse definir o brasileiro típico fez com que diversos pensadores a época, mesmo com opiniões diferentes, analisassem profundamente essa questão. O desafio seria como mesclar todas essas representações étnicas e culturais em valores civilizatórios de uma única nação. (MUNANGA, 2004)

A teoria da mestiçagem opera como um artífice da lógica colonial, e seu objetivo principal é dissolver a contribuição cultural de negros e índios até o seu desaparecimento. A resistência implementada pelos africanos que vieram para colônia na condição de escravizados é observada nas músicas, nas danças, na religiosidade, nos Quilombos. Além de uma série de outros elementos culturais que também propiciaram aos negros condições de superar as dores impostas pelo cárcere e até mesmo pelas vidas que se perderam durante esse período.

A pluralidade racial nascida no processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca; daí por que a raça se tornou o eixo do grande debate nacional no século XIX e que repercutiu até meados do século XX.⁶

Influenciada pelo determinismo biológico, em um primeiro momento, a inferioridade das raças consideradas não brancas, particularmente a negra, estava vinculada a degeneração do mestiço. O fim do tráfico negreiro e o incentivo a imigração europeia seriam responsáveis pela diminuição da população negra o que levaria a uma predominância cultural e biológica branca acarretando na diminuição dos elementos considerados não brancos.

⁶ MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra. 5ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 54p

A busca pela identidade nacional mobilizou uma série de intelectuais interessados em compreender a formação do tipo étnico brasileiro. Silvio Romero, Oliveira Vianna, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, entre outros, se debruçaram sobre o tema da mestiçagem e produziram uma série de teorias que indicavam o negro como responsável direto pela degeneração do mestiço e o maior culpado pelo atraso da população brasileira em relação a europeia.

Na década de 1930, Gilberto Freyre aborda o tema da mestiçagem por um ângulo diferente alterando a percepção existente. Em contraposição ao que era dito pela maioria dos intelectuais, daquele momento, a mestiçagem seria responsável por um prejuízo sem precedentes ao processo civilizatório brasileiro. Entretanto, na visão do antropólogo esse fator seria extremamente favorável.

Em *Casa Grande e Senzala*, uma de suas obras clássicas, Gilberto Freyre aponta que a formação da sociedade brasileira estava ancorada em um triângulo formado pelas as raças branca, negra e índia e a mistura das heranças culturais oferecidas por esses três elementos dão molde a ideia de identidade nacional. A noção que existia uma convivência harmônica entre essas raças com o passar dos anos vai lentamente se transformando na base para a formulação do mito da democracia racial.

Devemos compreender “democracia racial” como significando a metáfora perfeita para designar o racismo ao estilo brasileiro: não tão obvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o *apartheid* da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país.⁷

As características físicas exercem uma influência fundamental na distinção do tratamento oferecido as pessoas com os traços caracterizados como negroides. Mas, que podem ser encobertos ou camuflados, caso a aquisição de atributos aceitos como grau de distinção social, diploma universitário ou riqueza, proporcionem ao indivíduo mestiço, particularmente, os de pele clara, a incorporação ao grupo branco.

Ao se tornar bem-sucedido o homem negro no Brasil tem por hábito escolher uma mulher branca para se casar e algumas gerações depois seus descendentes são naturalmente aceitos nos grupos brancos. “Os sucessivos cruzamentos conjugados com o status

⁷ NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do Negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado. 3ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2016. 111p

socioeconômicos levam ao branqueamento. ” (MUNANGA, 2004). A população afrodescendentes do Brasil vive a expectativa de realizar essa transição, e é exatamente nesse momento que a rede de solidariedade que deveria existir com o mestiço com a cor da pele mais retinta se rompe.

Na escala existente nas relações abarcadas pela teoria da mestiçagem todo esforço é empreendido para se distanciar do fardo de ser negro. Os mais variados apelidos são utilizados para descrever os mestiços com o tom de pele escura, portanto, os termos “bombonzinho”, “chocolate”, “marronzinho”, “moreninho”, “escurinho”, etc. são as classificações encontradas para esquivar-se da categoria negro. As relações na sociedade brasileira são verticalmente hierarquizadas quanto mais retinta for a cor da pele do indivíduo, menores são as chances de acesso aos direitos civis garantidos pela constituição. Embranquecer é a saída para os negros de pele clara para garantir a entrada no grupo desejado. A assimilação dos valores de um mundo esteticamente branco garante a reprodução e a interiorização dos preconceitos pelos mestiços de pele mais escura dificultando a construção de um vínculo que estimule um sentimento de proteção.

Negros de pele clara descobrem precocemente, antes mesmo do início da impubescência, que seu desejo de integrar o grupo branco é interdito, exatamente como acontece com os negros de pele escura.⁸

A armadilha do embranquecimento foi peremptoriamente preparada para categorizar e graduar as diversas matizes da pele negra. Fora prometido aos mestiços de pele clara a salvação da carga de ser negro através adoção de hábitos, costumes e tradições baseados na “branquitude”. Quanto mais o comportamento obedecesse uma estética branca mais fácil seria perder a memória triturada pela monstruosa máquina ironicamente designada como “democracia racial” que concede um único privilégio ao negro, o de ser branco por dentro e por fora (NASCIMENTO, 2016). Abandonar a origem negra é o passaporte para entrar em um mundo norteado pelo ideal de brancura. Quando essas práticas são adicionadas ao cotidiano é só uma questão de tempo para serem incorporadas a cultura.

Notadamente homens negros e mulheres negras de pele clara jamais conseguirão obter os privilégios brancos enquanto a sociedade estiver organizada para explorar economicamente essas diferenças. Ser preto representa a marca do atraso, da pobreza, ou seja, “onde quer que ele vá, um preto permanece um preto. ” (FANON,1952)

⁸ DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. 1ª Edição. São Paulo: Jandaíra, 2021. 72p

2- A Lógica Colonial Inserida na Produção Cultural Brasileira

O projeto colonial se consolida na ideia da inferioridade dos povos colonizados essa foi uma experiência exaustivamente reproduzida na África, na Ásia e na América. Os povos desses respectivos continentes sentem até hoje os reflexos e os desdobramentos das técnicas e práticas utilizadas pelo colonizador em seu dia-a-dia. Sob esse aspecto as diferenças são percebidas como desigualdade e o processo de socialização acaba determinando o lugar de cada indivíduo. Dentro desse contexto observa-se a transformação em referência ideológica para as teorias coloniais e neocoloniais.

Uma vez fora do próprio círculo social que é fortalecido pelas redes de segurança oferecidas pela estrutura familiar, política e religiosa o colonizado é empurrado para a armadilha de dominação preparada pelo colonizador através de uma estrutura mercantil de ordem escravagista. A hierarquização de saberes deixa claro o esforço praticado para tornar o indivíduo escravizado em um ser primitivo cuja boçalidade é transmitida de forma atávica. Dessa maneira a sua exploração econômica e política é justificada por conta da etnia.

Falo de milhões de homens arrancados aos seus deuses, à sua terra, aos seus hábitos, à sua vida, à dança, à sabedoria. Falo de milhões de homens a quem inculcaram sabiamente o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a genuflexão, o desespero, o servilismo.⁹

A realidade imposta pelo colonialismo e mais à frente pelo neocolonialismo é constituída por uma série de teorias que negam a existência da diversidade étnica. A política de embranquecimento foi implementada para conter o avanço que permitisse a mudança nas relações sociais. O incentivo a imigração europeia era uma tentativa de limpeza com o intento de validar a opressão criando estereótipos que confirmassem a pretensa superioridade do colonizador.

Ao ser absorvida a estética branca se impõe culturalmente e racialmente tornando as contribuições de negros e indígenas inexistentes. Essa ação se faz presente em diversas esferas da produção cultural brasileira. A adoção da lógica colonial se expressa por meio de uma linguagem própria, entremeada, a uma dinâmica fundamentada pelos pilares do

⁹ CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. 1ª Edição. São Paulo: Veneta, 10 Ed. 2020. 32p

etnocentrismo e o evolucionismo. Em nenhum momento a existência da cultura negra é negada, e sim classificada como inferior considerada como subcultura e tendo como referência a civilização europeia, o negro é considerado como incapaz de ser civilizado.

3 – A Lógica Colonial e o Corpo Negro no Cinema e na Televisão Brasileira

O filme *O cangaceiro*, de 1953, dirigido e escrito por Lima Barreto a lógica colonial é desenvolvida uma maneira muito natural. A imagem do personagem título do filme é vista pelos críticos como a representação da mestiçagem brasileira. O filme apresenta o personagem principal como rude, violento e selvagem. Porém, o único capaz de sobreviver ao clima árido do sertão em meio a uma natureza inóspita (LUZ, 2010). A lógica colonial reforça que o atavismo faz parte da natureza irracional que compõe a parte negra do mestiço. Para o pensador africano Mudimbe, em *A invenção da África*, essa é uma noção corrobora com a ideia que o primitivismo é uma característica inerente ao negro.

A partir deste momento, várias escolas de antropologia desenvolveram modelos e técnicas para descrever o “primitivo” de acordo com tendências em mutação no âmbito da experiência ocidental.¹⁰

Em 1969, a novela *A cabana do Pai Tomás* escala um ator branco para interpretar o personagem principal da trama. Baseada em um romance, estadunidense, que retratava a luta de escravos contra os latifundiários uma das polêmicas causadas pela novela foi o fato de um ator branco ter a pele maquiada para viver o papel de uma pessoa escravizada. Prática que atualmente é conhecida como “blackface”, o relato da atriz Ruth de Souza se junta a polêmica da não escalação de um ator negro para viver o personagem principal da trama. A atriz foi primeira mulher negra a atuar como personagem principal, em uma telenovela, revelou que a parte do elenco, composta por atrizes brancas, recusava o fato de ter nome atrás do seu nos créditos.

Em 1976, o filme *Xica de Silva* não tem como objetivo principal retratar o período histórico ou contar a vida da personagem principal como uma mulher que resistiu aos abusos do sistema escravagista vigente na época (LUZ, 2010). Como não pretende ser um filme biográfico ou um documento historiográfico o cineasta parece retratar o seu imaginário a respeito da mulher negra. A objetificação e a hiperssexualização do corpo

¹⁰ MUMDIMBE, V.Y. *A invenção da África*. 1ª Edição. Petrópolis: Vozes, 8. Ed. 2019. 24p

negro cria um lugar-comum onde mulheres negras estão sempre aptas e dispostas a ter relações sexuais.

Toda ancestralidade e luta para fazer com que essa herança cultural seja enraizada acaba confinada ao sensualismo erótico existente, no imaginário masculino, se sobreponha a proeminência de mulheres que historicamente resistiram as práticas violentas implementadas pelo colonizador. A lógica colonial não desumaniza somente o negro colonizado como observa Aimé Césaire.

Seria preciso estudar, primeiro, como a colonização se esmera em descivilizar o colonizador, em embrutece-lo, na verdadeira acepção da palavra, em degradá-lo, em despertá-lo para os instintos ocultos, para a cobiça, para a violência e o ódio racial, para o relativismo moral...¹¹

A primeira versão da novela Gabriela exibida em 1975 o papel principal vivido, por Sônia Braga, foi oferecido a atriz Vera Manhaes. Vera foi recusada pela direção da Rede Globo sob a alegação de não ter o tipo físico ideal para interpretar a personagem. A escolha da emissora por Sonia Braga gerou um enorme desconforto, e foi vista por ativistas do Movimento Negro como uma forma de embranquecer a personagem. Essa é uma ação que acontece, recorrentemente, nas histórias de Jorge Amado sempre que são adaptadas para o cinema ou para televisão. O retorno de Gabriela em 2012, dessa vez, como minissérie, conta com a atriz Juliana Paes como protagonista. No romance escrito, pelo autor baiano, a personagem é apresentada como Gabriela, Cravo e Canela. Porém, nas duas versões que foram exibidas pela televisão e no cinema, em 1983, essas características não são levadas em conta.

Nos anos 2000 as novelas Da Cor do Pecado em 2004 e Viver a Vida em 2009 colocam a atriz Taís Araújo no centro do debate a respeito de como a televisão se utiliza do corpo negro para promover os seus produtos atendendo a necessidade econômica exigida pelo capitalismo. A personagem de nome Preta vive um romance interracial e o título da novela é apontado como uma das expressões usadas para hiperssexualizar e objetificar o corpo da mulher negra. Automaticamente a figura da mulher negra é associada a imagem de sedutora irresistível materializando a noção que foi a cor de sua pele que fez o homem branco largar a sua família branca, e estruturada, para viver o amor proibido.

Em Viver a Vida pela primeira vez na história da televisão brasileira uma atriz negra é selecionada para ser protagonista no concorrido horário das vinte e uma horas.

¹¹ CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. 1ª Edição. São Paulo: Veneta, 10 Ed. 2020. 19p

Considerada como o maior e o melhor produto, em termos comerciais, dentre as telenovelas produzidas pela maior empresa de comunicação do país, o grande questionamento era o motivo da emissora ter levado quarenta e quatro anos para colocar uma atriz negra como protagonista no cobiçado horário.

A desvalorização do negro estende-se a tudo aquilo que toca a ele: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte, etc. Seu continente é quente demais, de viciado, malcheiroso, de geografia tão desesperada que o condena à pobreza e à eterna dependência.¹²

A lógica colonial influencia na visibilidade oferecida ao corpo negro na produção audiovisual brasileira. Confinado ao exotismo e encarcerado no papel de selvagem a sua função é satisfazer os desejos e olhares cumprindo o dever de ser objeto para o espetáculo. O processo de colonização que migra por dentro do continente africano, se espalha por todo continente americano mostrando que o universalismo promovido pelo colonizador europeu acontece no sentido de um para todos.

4 – Considerações Finais

Um novo formato para a globalização se transforma em uma demanda de ordem pós-colonial que teria como função levar a humanidade para todos habitantes do planeta (MBEMBE, 2019). É premente a necessidade de derrubar os muros representados pela construção europeia de fronteiras físicas e artificiais. Ao seguir um modelo importado da Europa e dos Estados Unidos a produção audiovisual brasileira reproduz e amplifica a lógica colonial que existe na sociedade.

As obras citadas e em outras não relacionadas, por este trabalho, demonstram que mesmo após décadas de intensos debates, da criação das políticas de cotas e ações afirmativas. A participação do negro em produtos de linguagem audiovisual ganhou um grande destaque no país, e ainda sim, em 2018 uma telenovela filmada em Salvador nacionalmente conhecida como a Roma Negra, todos os personagens principais foram vividos por atores brancos como foi o caso da obra Segundo Sol.

¹² MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Uso e sentidos*. 4ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 17p

Aliada ao imperialismo a lógica colonial atua até quando a identidade negra é representada. O filme Pantera Negra mesmo com um elenco majoritariamente formado por atores negros (as) limita a experiência de construção da identidade negra, tornando-a unidimensional e referenciada pela maior potência econômica do mundo como alerta Lélia Gonzalez.

Os termos “Afro-American” (afroamericano) e “African-American” (africanoamericano) remetem-nos a uma reflexão: a de que só existiriam negros nos Estados Unidos e não em todo continente. E a outra, que aponta para reprodução inconsciente da posição imperialista dos Estados Unidos que afirmam ser “A América”.¹³

A armadilha do pensamento colonial segue dando a diretriz de como o negro dever se comportar. A retomada de consciência ao perceber a perda da história reforça a busca por uma África idealizada.

A lógica colonial não se prende somente ao ambiente físico. Se retomarmos o exemplo de Pantera Negra o filme se passa em Wakanda um país fictício do continente africano que é composto por agricultores, mas que esconde do mundo uma avançada produção tecnológica. As formas de compreensão da realidade e do saber ao serem abarcadas pela lógica Colonial geram uma série de tensões entre tradicional e moderno, oralidade e escrita, agrário e industrial que quando pensados a partir de um olhar etnocêntrico ou eurocêntrico acabam posicionando o diferente a margem do processo evolutivo (MUNDIMBE, 2019).

Tais constituições que servem apenas para hierarquizar os povos e saberes está presente em diversos setores da sociedade como nas pinturas, nas novelas, nos filmes e até na compreensão do que é ciência. É de fundamental importância a criação de uma perspectiva decolonial com o intuito de desconstruir uma série de pensamentos consolidados por uma visão de mundo opressora e completamente distante dos ideais propagados pelos colonizadores em seus países de origem.

¹³ GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan. /jun.). 1988, p.76

Referências Bibliográficas

- 1 - CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. 1ª Edição. São Paulo: Veneta, 10 Ed. 2020
- 2 - DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. 1ª Edição. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- 3 – GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan. /jun.). 1988, p.69-82
- 4 - LUZ, Marco Aurélio. Cultura Negra e Ideologia do Recalque. 3ª Edição. Salvador: UFBA; Rio de Janeiro: PALLAS, 2010
- 5 - MBEMBE, Achille. O sair da grande noite. 1ª Edição. Petrópolis: Vozes, 8. Ed. 2019.
- 6 - MUMDIMBE, V.Y. A invenção da África. 1ª Edição. Petrópolis: Vozes, 8. Ed. 2019.
- 7 - MUNANGA, Kabengele. Negritude: Uso e sentidos. 4ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- 8- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra. 5ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- 9 - NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do Negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado. 3ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2016
- 10 – SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1983.